



TV Pipa – Documentando a história de um povo. ¹

Josenildo Batista²; Luara Schamó³, Ricelly Sousa⁴.

Maria Érica de Oliveira Lima⁵.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN.

Resumo

A Pesquisa tem como intuito divulgar o trabalho da TV Pipa, uma TV Comunitária de Rua, onde a população local, em parceria com a ONG EducaPipa, desenvolve pequenos documentários e reportagens jornalísticas, exibidos semanalmente numa praça local. Seu conteúdo é voltado para a formação cidadã, educação e conscientização ecológica. Idealizada pelo o jornalista Tito Rosenberg residente na região, a TV recebeu recentemente apoio do BNB, e se concretiza como uma opção de entretenimento e divulgação da cultura "pipense". Os dados foram obtidos a partir de conteúdos divulgados pela internet, em entrevistas com organizadores e espectadores e através de pesquisa bibliográfica sobre a história da TV Comunitária no país.

Palavras-chave

TV Comunitária, TV de Rua, ONG, Vídeo Documentário, Praia da Pipa.

Introdução

No mundo atual em que a tecnologia proporciona o desenvolvimento e a rapidez das informações, e informação é poder, é democracia, torna-se cada vez mais necessário o acesso da comunidade à informação, não só o conhecimento do mundo e do país, e sim o conhecimento da própria comunidade. O jornalismo comunitário garante um direito, que é a livre expressão do pensamento e a democratização da comunicação.

¹ Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, do Iniciacom, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Estudante de graduação 3º semestre do curso de Jornalismo da UFRN; e-mail: josenildobatista@hotmail.com.

³ Estudante de graduação 3º semestre do curso de Radialismo da UFRN; e-mail: luaraschamo@gmail.com.

⁴ Estudante de graduação 3º semestre do curso de Jornalismo da UFRN; e-mail: txelly@gmail.com

⁵ Professora Doutora Maria Érica de Oliveira Lima do Departamento de Comunicação Social da UFRN, e-mail: mariaerica@cchla.ufrn.br.

A Televisão Comunitária vai de encontro à hegemonia dos grandes conglomerados de empresas midiáticas, que tem um único objetivo, o lucro. Essa forma de comunicação trabalha com programas locais focando a comunidade, na tentativa de resolver seus problemas. Colabora com o fortalecimento da cultura e quase sempre preserva as raízes culturais históricas locais.

A televisão de rua vem legitimar e reforçar essa identidade cultural, feita pela comunidade e para a comunidade, além de lançar temas para uma reflexão coletiva a fim de provocar mudanças e melhorias à própria. Exibida em um ponto fixo ou de maneira itinerante, a televisão de rua é uma tentativa de envolver a comunidade no processo de produção audiovisual, de democratização dos meios de comunicação e proporcionar informações da própria comunidade sem limite ou censura.

É nesse contexto que surge a TV Pipa, dentro de uma Organização não governamental, a EDUCAPIPA, voltada para a cultura, educação e esportes, em um projeto de inclusão digital direcionada aos jovens da Praia de Pipa, comunidade esta integrante do município de Tibau do Sul, no litoral do Rio Grande do Norte.

Tibau do Sul – Comunidade da Praia da Pipa



OPCO.

O município de Tibau do Sul localizado no litoral sul que abriga uma das 10 praias mais belas do Brasil⁶, a Praia da Pipa, pequena praia que se encontra a oitenta e cinco quilômetros da capital Natal e tem uma população em média de 4.500 habitantes, quase metade da população de Tibau do Sul que possui cerca de 10.800 habitantes.

A Pipa possui uma grande biodiversidade ao longo dos 10 km de praia com imponentes falésias ainda cobertas pela Mata Atlântica, dunas por quase toda sua extensão e enseadas, além de ser moradia de golfinhos e tartarugas marinhas. Toda essa orla que vai de Tibau do Sul até Pipa é Área de Proteção Ambiental (APA) sob a

⁶ Eleita pela Revista Guia 4 Rodas no ano de 2006 como uma das 10 praias mais lindas e visitadas do Brasil.



responsabilidade do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente do Rio Grande do Norte (IDEMA-RN), além de contar com proteção do maior Santuário Ecológico do estado.

Seu atual povoado data de cerca de duzentos anos, porém até os anos 1970 se resumia a uma pacata vila de pescadores e de difícil acesso, então poucos nativos, surfistas e veranistas se aventuravam a entrar e atravessar as matas densas que separavam Pipa de Tibau do Sul, mas o que começou com alguns surfistas e veranistas cresceu rapidamente ao longo da década de 1980 e 1990. A praia passou a atrair pessoas do mundo inteiro fazendo com que Pipa se desenvolvesse bastante e em pouco tempo.

“Antigamente, isso minha avó falou, o pessoal fala, vinham surfistas de Natal (a estrada era de barro ainda) em carro traçado, Jipe. E se hospedavam nas casas de taipa dos nativos da Pipa, comiam pirão de peixe, passavam o final de semana aqui, às vezes tinha pousada, mas bem tradicional com uma cama e tal, sempre mantendo aquela coisa aqui da Pipa mesmo. Até que, acredito que 94, começaram a vir mais pessoas, aí nós temos o que tem hoje: grandes apartamentos, de luxo, com não sei o que, coisas que você nem imagina.” (Adaebson Santos)

Esse crescimento acelerado gerou a construção de estradas, habitações, escolas e proporcionou uma estrutura básica de funcionamento que condizia com as principais atividades econômicas, como a pesca, a agricultura e a pecuária, porém com a chegada e a expansão da atividade turística abriram-se bares, hotéis, pousadas, restaurantes e casas noturnas que recebem cerca de um milhão de turistas ao ano, contingente cujo tanto a Praia da Pipa quanto o município de Tibau do Sul não comportam dentro da sua estrutura básica.

A partir disso surgem problemas sócio-ambientais como a poluição das águas por falta de saneamento, destruição da vegetação nativa pela especulação imobiliária, desaparecimento de espécies da fauna, um policiamento ineficaz, poucas escolas, com professores insuficientemente capacitados etc. As diferenças sociais aumentam, trazendo consigo típicos problemas das grandes cidades, como o alto consumo de drogas, assaltos, estupros, dentre outros que muitas vezes passam despercebidos pela pacata praia de dia e pela agitada balada durante a noite.



O turismo e a falta de estrutura são apontados como os dois maiores motivos de redução, limitação ou expulsão da população nativa da praia. Problema esse que se conglomeram em outro ainda maior: a destruição dos patrimônios da população pipense, sua história, cultura e memória popular. Não que a interação e o intercâmbio cultural não sejam saudáveis aos povos envolvidos, o problema é quando se dá através da economia não equilibrada, acaba por anular o povo mais fraco.

“É saudável que as pessoas mantenham trocas, entre culturas, produtos, hábitos, estilos de vida. Tudo isso tem dois efeitos bons: um, é econômico, economia é troca, ela começa a ficar um pouco mais equilibrada. A má distribuição de renda é quando um tem muita coisa pra poder oferecer e trocar, e o outro não tem nada. Então, quando você equilibra, você consegue ter mercado, você equilibra a renda” (Maurício Martins).

Então o que fazer diante dessa veloz transformação local oriunda do turismo? Como combater a perda das tradições locais? Como impedir que tudo isso caia no esquecimento? De que maneira conscientizar os jovens dessa ameaça? Existe uma forma mais dinâmica de se discutir essas questões dentro da comunidade? A solução veio em forma de telão, projetor multimídia e da tentativa de se construir uma consciência coletiva dentro da comunidade: uma TV Comunitária de Rua, que vem a se chamar TV Pipa.

TV Comunitária é TV de Rua

Segundo Rafaela Lima⁷, a TV Comunitária nasce no Brasil como uma experiência essencialmente de TV de rua, que na ausência ou inexistência de recursos financeiros, tecnológicos ou capacitacionais ela acontece de maneira espontânea em locais públicos dentro de uma comunidade e funciona com equipamentos básicos como uma televisão caseira ou um telão, projetor multimídia, caixas de som, vídeo cassete ou aparelho de DVD e vídeos feitos por integrantes da comunidade que tragam temas ligados a ela a fim de que sejam discutidos coletivamente e se busquem soluções para os problemas da comunidade como um todo.

As pessoas da comunidade podem participar do processo de maneira integral ou pontual, o importante é que a comunidade a qual elas pertençam esteja envolvida no

⁷ Rafaela Lima, Mestranda em Comunicação Social da UFMG.



processo, desde a idealização, produção e exibição, o que a caracterize como pública no sentido de inaugurar novos, valores, conteúdos e idéias que atenda as necessidades da esfera pública e o que seja visto seja discutido em praça pública.

Qualquer comunidade pode desenvolver seu material audiovisual e montar sua própria TV de Rua desde universidades, ONG's, sindicatos, entidades sociais, associações comunitárias ou grupos independentes conquanto que seu conteúdo esteja relacionado aos interesses de uma comunidade.

A TV de Rua é livre e não se restringe a apenas uma praça principal, ela é da rua e de várias ruas, em miúdos, ela pode ser itinerante e circular pelo bairro ou comunidade e ser exibida no meio da rua, em outras praças, em associações, em ginásios, em salas de espera, escolas, igrejas e em locais onde a comunidade necessite que essa televisão chegue, bastando apenas um meio que possa transportar os equipamentos, que haja interesse da comunidade, que após a exibição se faça uma reflexão em conjunto e que a partir disso a comunidade em conjunto tome as devidas atitudes em prol do bem estar público.

Outro fator importante é no tocante da sustentabilidade, pois as TVs de Rua são autônomas, não têm objetivos comerciais, não são ligadas a canais ou a concessões e só podem ter ligação com entidades de cunho social e educativo através de parcerias para que nada tire o foco educativo, cultural e social afim resgatar e legitimar os valores da comunidade.

Através de vários exemplos espalhados pelo país tem-se a certeza que as TVs de Rua são eficazes, mesmo que não atinja a todos e não receba o interesse de todos, mas é como Sérgio Gadini⁸ coloca “Não há garantias de que uma TV comunitária vai de maneira automática democratizar a tecnologia, chamar a atenção, envolver a todos e mudar a comunidade a fim de gerar melhorias na vida dessa população.” (GADINI, 2005, p.11), porém não é uma causa inválida, ao contrário, é uma iniciativa a ser estimulada e espalhada a outras comunidades para que haja uma maior inclusão e participação dentro da própria comunidade.

⁸ Sergio Gadini, Prof. Dr. do Curso de Jornalismo e do Ms em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR.

TV Pipa

Idealizada pelo jornalista Tito Rosenberg e fruto da ONG Educapipa, nasce em 06 de novembro de 2005 a TV Pipa, com a idéia da produção de vídeos jornais (o Jornal Pipa, nome inicial do projeto), onde seriam transmitidos semanalmente na praça pequenas reportagens criadas por jovens da comunidade, mas que se ampliou a um papel muito maior: registrar em imagens a história da comunidade local.

Adepto e militante da TV Comunitária, Tito Rosenberg, residente em Pipa desde 2004, percebendo a falta de um jornal, rádio comunitária e TV local, procurou a Educapipa, que administra o telecentro local, para lançar a idéia de uma TV Comunitária, que transmitisse à comunidade aquilo que acontecia dentro do seu próprio espaço, com o argumento de que “a população local sabia mais do que acontecia no Iraque do que na própria comunidade”.



Equipe TV Pipa.

Aceito com veemência, iniciou uma oficina de vídeo para os jovens da comunidade, entre eles, os que se tornariam os primeiros membros da TV Pipa: Josiene, “Nino”, “Riquinho” e Evaldo; ensinando-os noções básicas de como produzir uma reportagem: manuseio de câmera, foco, pautas, como fazer entrevistas, etc. Mas aí surge o primeiro empecilho: a falta de equipamento. Começaram o projeto utilizando-se de uma câmera fotográfica cedida por Tito, que filmava

cerca de 40 min, numa qualidade não muito boa, passaram um mês coletando material e editaram no Laptop de Tito, no programa Movie Maker, em um único dia.

Adaebson Santos (Nino), em entrevista nos conta que “A TV Pipa, foi o projeto menos projetado do mundo”. Porque Tito chegou e disse: “Vamos fazer a TV Pipa” Quando? “Semana que vem” Como é que é? “Vocês vão ficar com uma câmera na mão e fazem o que vocês quiserem fazer com a câmera”. A gente não sabia nem apertar o Rec, pra você ter idéia. “Tá aqui a máquina, vão filmar”. Xeretamos, aprendemos a dar o Rec, e a dar Stop. Pronto. Tá aqui Tito, a gente fez um material. “Vamos sentar aqui”.



Todo mundo no Laptop dele, sentados à mesa, passamos o dia todinho na primeira edição, a gente começou a editar as oito da manhã, fomos terminar quase meia noite.”

As pautas eram construídas coletivamente, mas com uma idéia inicial muito forte: entrevistar os moradores locais mais idosos, registrando assim suas histórias, para mostrá-las aos mais jovens e fazê-los conscientizar-se de que um dia a cultura daquele povo havia sido muito forte, e envolver toda a comunidade.

“Os jovens antigamente, na idade de 16, 17 anos, dançavam Zambê, dançavam Coco de Roda, a Lapinha, o Drama. Hoje não, tão dançando Hip-Hop, que não é cultura nossa, é cultura que vem lá dos Estados Unidos pra cá. E antigamente se tinha o maior orgulho de fazer isso. Eu sinto que hoje o pessoal tem a maior vergonha de fazer. Coisa que é nossa, que o pessoal lutou muito pra manter, mas infelizmente ta sendo esquecido pouco a pouco” (Adaebson).

A TV Pipa teve então sua primeira exibição na praça, no dia 06 de novembro de 2005, utilizando-se de um projetor cedido por um morador local, e de um DVD comprado por Norma Lilian Fagundes de Lima, presidente da Educapipa, e orientadora da TV Pipa. Obtiveram grande sucesso dentro da comunidade, pois pela primeira vez, os nativos reconheciam a si próprios naquelas imagens projetadas no telão; e conquistaram um público entre 70 e 50 espectadores por exibição.

Passados quatro meses de trabalho, a câmera fotográfica quebrou, por não suportar o uso excessivo na produção de vídeos, e a TV Pipa saiu do ar, “para grande tristeza dos monitores, que eram quem fazia todas as imagens, e do público que ia todos os fins de semana para a praça” (Tito Rosenberg). Foi quando então os membros da Educapipa uniram-se numa “vaquinha” e compraram à prazo uma câmera de vídeo digital e um computador para a edição dos vídeos da TV Pipa.

Então, quando pensavam ter solucionado todos os problemas, a pessoa que cedia o projetor multimídia a TV mudou-se de cidade e o levou consigo, e a TV Pipa ficou novamente sem poder exibir seus vídeos. É então que se inicia uma história de perseverança, comandada por uma figura que se tornou o membro mais importante na TV Pipa: Josiene Nascimento Santos, pois mesmo sem perspectiva de quando retomariam as exibições, ela continuou produzindo vídeos, e os editando, com ajuda de Luis Henrique Marinho (Riquinho), na esperança de que quando conseguissem um



projeto pudessem mostrá-los de uma vez só, já que a idéia não era só mostrar as notícias na praça, mas também registrar a memória do que acontece na cidade, para quem sabe um dia colocá-las num museu da cidade para ser consultado pelos visitantes e pesquisadores.

Resolveram então inscrever o projeto num programa de incentivo cultural do Banco do Nordeste, justificando a necessidade de se criar um consciente coletivo de valorização da comunidade, pois essa vinha sofrendo um processo de massacre cultural com a chegada dos estrangeiros. De um lado o crescimento econômico, com a construção de inúmeros Hotéis, Pousadas, Resort's, e a geração de renda através do turismo. De outro, uma população que não tem espaço dentro desse crescimento, que se vê cada vez mais reduzida, quase como “intrusos dentro de suas próprias casas”.

Mauricio Pereira Martins, voluntário da ONG, salienta a situação da seguinte forma: “São investimentos de fora, mas é conhecimento de fora, é coisa que todo mundo aqui vai se sentir ignorante, porque vai ter que aprender, vai ter que ter uma formação de não sei quanto tempo pra tentar ser igual às outras pessoas de fora, vai ter que se alfabetizar por línguas estrangeiras. A gente vai se sentir sempre incapacitado, sempre ter aquela grande coisa de ter aquele grande curso de capacitação pra você não ser o que é. Você sempre vai estar em segundo plano, vai ter que fazer curso de hotelaria, pra saber um monte de hábitos, etiqueta, e não sei o que de comportamento”.

Além da devastação ao meio ambiente que essa chegada em massa causou, destruindo a vegetação e modificando o cenário local do dia para a noite, e que precisava ser noticiada.

No primeiro semestre de 2007, chega a grande notícia: o projeto foi aceito pelo BNB, e recebe 20 mil Reais, que foram investidos na compra de equipamentos e tornaram a TV Pipa auto-suficiente. Com o dinheiro foram comprados: uma nova câmera de vídeo (com entrada para microfone, que a primeira não possuía), data show, dvd, telões (pois o que estava fixo na praça havia rasgado devido ao desgaste natural) e um novo computador para edição, já apropriado para TV Digital.

Foi oferecida uma segunda oficina com Tito Rosenberg, aberta a jovens da comunidade entre 14 e 20 anos, nos meses de junho e julho de 2007, na qual dos quinze inscritos, quatro concluíram, e passaram a fazer parte da equipe da TV Pipa, pois da primeira equipe restava apenas a Josiene. Adaebson e Henrique tornaram-se “multiplicadores” e dão aulas na Escola de Cidadania de Tibau do Sul, mas ainda são contribuintes.

A parceria com o BNB finalizou-se em novembro de 2007. Foram produzidos nesse período seis documentários e, com a compra dos telões, a TV pôde se tornar itinerante, levando a programação para outras comunidades do município de Tibau do Sul, iniciando-se com Sibaúma, onde já foram feitas cinco exposições, todas obtendo grande público. A idéia é levar a TV Pipa uma vez por mês a cada uma, das nove comunidades do município.

O projeto entra em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que abrirá espaço dentro da programação da TV Universitária para exibição do material da TV Pipa, num programa chamado “Olhar Independente”, com previsão de estreia ainda neste ano de 2008, e que consistirá na divulgação de documentários do nosso estado, produzidos de forma independente. Os concluintes da última oficina também foram contemplados com uma visita à TVU e à Rádio Universitária, conhecendo as ilhas de edição, os estúdios e conversando com os profissionais da área.

Outra parceria já concretizada do projeto é com o Cineclube de Natal, que em julho de 2007 promoveu uma exibição de filmes brasileiros juntamente com as exposições da TV Pipa. Além de ter levado o curta metragem “A Flor do Amador” para exibição em sua sede, e conquistando grandes elogios à produção. Curta esse, que também participou do encerramento do II Festival de Curtas Universitários (Curtacom), em novembro de 2006.



Logomarca por Márcia Kafenzstok. Equipe Pipa.



Equipe TV Pipa.

A TV Pipa também é parceira do Núcleo Ecológico da Pipa (NEP), que se utiliza de algumas reportagens produzidas sobre consciência ecológica, em campanhas e denúncias contra a devastação ecológica da praia.■

Além da produção dos jornais, a equipe vem trabalhando em um novo projeto, um filme sobre a história da Pipa, relacionada com o surf, que Josiene disse que irá se chamar “Pipa é uma Onda” “A gente ta coletando vídeo desde 2006 e pretende exibir ele no final do ano, em dezembro, que terá a ressaca do mar e vem muita gente pra cá, muitos surfistas. A gente vai aproveitar a “onda grande” pra exibir esse filme, porque a Pipa foi descoberta através do surf”.

A grande dificuldade atualmente, se encontra na demanda de material para edição, pois o único membro da equipe que se interessa em editar o material é a Josiene, os mais novos (Thiago, Canindé e Anderson) gostam apenas de gravar, “Os meninos que estão comigo agora, só fazem filmar. Mas eu queria que eles fizessem mais conteúdos, escrevessem textos, fizessem a edição. Porque só eu que edito, eu faço todas as edições, de todos os jornais, todos os vídeos, todos os filmes, eu faço tudo. Ai eu tenho muita dificuldade, porque fica acumulando muita coisa” (Josiene).

A programação da TV Pipa nesse mês de abril contou com a apresentação de um filme infantil, e um filme Nacional, seguido pela apresentação do Jornal da Pipa, todas as sextas-feiras, a partir das 19h, na praça.

É importante lembrar que todos que nela trabalham são voluntários, e até hoje, receberam no máximo uma pequena ajuda de custo, quando o projeto esteve em parceria com o BNB. “A gente gosta desse negócio, não vive disso e sabe que isso não vai dar dinheiro. Faz isso porque gosta mesmo, porque já tá no sangue, gosta da parada e faz”



(Josiene). Por isso e muito mais, a TV Pipa concretiza a cada dia o seu objetivo de incluir a comunidade nela mesma, e vem se tornando um exemplo de projeto comunitário a ser seguido.

Membros:

Norma Lílian Fagundes de Lima

Função na TV PIPA: Orientadora.

Função na ONG: Presidente.

Ocupação extra ONG e TV: Educadora e dona de pousada.

Josiene Nascimento Santos

Função na TV PIPA: Coordenadora.

Função na ONG: Diretora Financeira.

Francisco Canindé

Função na TV PIPA: Cinegrafista e Editor.

Função na ONG: Voluntário, dá aula de Capoeira na comunidade de Sibaúma.

Ocupação extra ONG e TV: Jardineiro.

Adaebson Santos (Nino)

Função na TV PIPA: Direção e Roteiros (atualmente apenas como contribuinte).

Função na ONG: Vice-presidente.

Ocupação extra ONG e TV: Educador na Escola de Inclusão Digital e Cidadania, Fotógrafo, Assessor em eventos do município.

Tito Rosenberg

Função na TV PIPA: Mentor, Tutor, Papai, Guerrilheiro de referência.

Função na ONG: Voluntário, mais conhecido como “Jesus Tito”.

Ocupação extra ONG e TV: Jornalista, Fotógrafo, Cinegrafista.

Luis Henrique Marinho (Riquinho)

Função na TV PIPA: Um dos primeiros participantes da TV Pipa.

Ocupação extra ONG e TV: Educador na Escola de Inclusão Digital e Cidadania.



Márcia Kafenzstok

Função na TV PIPA: Orientadora, designer das marcas da TV PIPA e identidade visual de alguns produtos impressos.

Função na ONG: Secretária Executiva.

Ocupação extra ONG e TV: Designer Gráfica, Mercadóloga.

Cláudio Freitas

Função na TV PIPA: Colaborações especiais, Admirador e Apoiador.

Função na ONG: Colaborador voluntário.

Ocupação extra ONG e TV: Organizador do Festival Gastronômico da Pipa, Secretário de Turismo.

Maurício Pereira Martins

Função na TV PIPA: Consultor.

Função na ONG: Voluntário.

Ocupação extra ONG e TV: Arquiteto, Urbanista, consultor em inovação tecnológica na Superintendência de Comunicação da UFRN.

Tiago Santos

Função na TV PIPA: Cinegrafista, Editor.

Ocupação extra ONG e TV: Estudante.

Anderson Santos

Função na TV Pipa: Cinegrafista, Editor.

Ocupação extra ONG e TV: Estudante.

Evaldo Lourenço

Função na TV Pipa: Um dos primeiros participantes.

Ocupação extra ONG e TV: Moto Taxista.



Pessoas importantes para citar:

Josimey Costa

Função na TV PIPA: Colaborações especiais, Facilitadora em mediações com a equipe de Comunicação Social da UFRN.

Ocupação extra ONG e TV: Superintendente da TV Universitária.

Angêla Almeida

Função na TV PIPA: Colaborações especiais, facilitadora em mediações com a equipe de Comunicação Social da UFRN.

Considerações Finais

Num Brasil onde as mídias comunicantes se encontram nas mãos de poucos, e a transmissão de sinal para pequenas comunidades é insuficiente, a TV Comunitária vem como uma solução simples para a dada “cidadania e livre arbítrio” de comunicar aquilo que consideramos realmente importante para nos complementar e acrescentar àqueles que dividem o mesmo espaço em que vivemos.

Documentar a história de um povo, quando se vê as ameaças de tomada da cultura local por um processo de crescimento econômico desordenado, que esmaga a comunidade local e destrói as suas ainda sobreviventes manifestações artísticas, é tentar constituir uma consciência coletiva de conservação das raízes, não se deixando ludibriar pelo que vem de fora, manifestar a voz do povo contra a invasão e destruição de suas belezas naturais, entre tantas outras funções adquiridas pela TV Pipa, é mais do que um grande exemplo de projeto comunitário a ser seguido, é algo a ser aplaudido de pé e, no mínimo, se manifestar um grande apreço pela iniciativa desses que a constituem.



Referências bibliográficas

GADINI, Sérgio. "A TV comunitária nos limites da fragilização da sociedade civil". Em "Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación", www.eptic.com.br, volume VIII, número 6, dezembro de 2005.

LIMA, Maria Érica de Oliveira. Professora Doutora do Departamento de Comunicação Social da UFRN.

LIMA, Norma Lilian Fagundes de. Entrevista concedida a Luara Schamó, Ricelly Sousa e Josenildo Batista. Praia da Pipa, abril de 2008.

LIMA, Rafaela. Mestrado em Comunicação Social. Belo Horizonte, UFMG, 1997.

MARTINS, Mauricio. Entrevista concedida a Josenildo Batista, Luara Schamó e Ricelly Sousa. Praia da Pipa, abril de 2008.

NASCIMENTO, Josiene. Entrevista concedida a Josenildo Batista, Luara Schamó e Ricelly Sousa. Praia da Pipa, abril de 2008.

PERUZZO, Cicília M. K. "TV Comunitária no Brasil: aspectos históricos". In: *V Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación*. Santiago (Chile), 27 a 30 de abril de 2000.

ROSEMBERG, Tito. Entrevista concedida a Josenildo Batista, Luara Schamó e Ricelly Sousa. Praia da Pipa, abril de 2008.

Entrevista concedida a Max Francisco, 2006. Disponível em: <http://www.pipa.com.br/conteudo/noticias/pipanoar/arquivo/ed6/materia3.html>.

Acesso em: abril de 2008.

SANTOS, Adaebson. Entrevista concedida a Josenildo Batista, Luara Schamó e Ricelly Sousa. Praia da Pipa, abril de 2008.

Blog TV PIPA: <http://www.tvpipa.blogspot.com>